

ANTÓNIO FERRO, O MEU AVÔ...

ANTÓNIO FERRO, MY GRANDFATHER ...

Ana Mafalda Roquette de Quadros Ferro*

RESUMO: O meu depoimento não pretende ser um estudo sobre o modernismo nem sobre as revistas modernistas, apesar de esse ser o tema do colóquio no qual foi apresentado. Escrevo enquanto descendente de um dos “de *Orpheu*”, mais precisamente neta de António Ferro, editor dos dois números publicados e, também, como curadora e conhecedora do seu espólio documental e bibliográfico. Este texto incide sobre os primeiros anos da vida de António Ferro pois acredito que as suas primeiras vivências o influenciaram enquanto adulto, republicano, jornalista, escritor, modernista, comunicador, homem de cultura e apoiante de Salazar.

PALAVRAS-CHAVE: António Ferro; memórias, revistas literárias.

ABSTRACT: My testimony doesn't intend to be a study about Modernism or the modernist magazines, although this is the subject of the colloquium in which it was presented. I write this text as a descendant of one of *Orpheu's*, more accurately granddaughter of António Ferro – the editor of the two published numbers – and also as a curator and a connoisseur of his documentary and bibliographic collection. This text focuses on the first years of António Ferro's life because I believe that his early experiences influenced him as an adult, republican, journalist, writer, modernist, communicator, culture man and Salazar's supporter.

KEYWORDS: António Ferro; memories; literary magazines.

* Diretora da Fundação António Quadros. Email: mafaldaferro.faq@gmail.com

António, o mais novo de três irmãos, nasceu em Lisboa, no dia 17 de Agosto de 1895 numa prédio pombalino da rua da Madalena onde residiu até à madrugada de 10 de Abril de 1907, quando um violento incêndio destruiu a sua casa forçando a família Ferro a mudar de casa. Seu pai, António Joaquim Ferro, escolheu, para esse fim, a rua dos Anjos por, nessa freguesia, estar localizada a loja de ferragens de que era proprietário (Largo do Intendente, n.º 43) e que, até hoje, apesar de já não pertencer à família, se chama “António Joaquim Ferro & Herdeiros”.

Ainda na rua da Madalena, António Ferro, sentado numa cadeira de verga na varanda de casa, entregava-se, nos seus tempos livres, à leitura dos livros de Júlio Verne ou de romances como *A Toutinegra do Moinho*, de Emílio Richebourg. Não se sabe ainda a qual das ruas, Madalena ou Anjos, Ferro se referia quando escreveu:

era uma rua familiar, uma dessas velhas ruas de Lisboa, que lembram na sua intimidade um calmo serão de aldeia, uma dessas ruas onde se falava de janela para janela, com a sala de visitas na tabacaria, o centro político no barbeiro, a mercearia ali muito perto e, à porta da carvoaria, a velhota das castanhas assadas, as saborosas castanhas. O pedaço de rua onde estava a minha casa foi o pátio de recreio da minha infância. Em certos dias, aventurávamos-nos até ao princípio da rua para irmos observar um primeiro andar onde apareciam mulheres pintadas, quase nuas, a deitar-nos a língua de fora. Um dia, descobrimos que elas estavam ali a espera de quem queria casar com elas¹.

António Joaquim, homem simples e bondoso, parco em palavras e sorrisos, nasceu em Baleizão, freguesia alentejana do concelho de Beja e “andava de pé descalço pelas charnecas do Alentejo”; segundo seu filho António, vivia, “recolhido na sua alma fazendo o bem que podia sem exibição”. A estima que nutria pelo seu primogénito era muito forte e com ele mantinha uma relação de companheirismo pouco usual naquela época. Levava-o consigo às “sessões de cinema transmitidas no *Music-Hall* da Avenida, antigo *Éden*, e no *Salão Chiado*” que, segundo seu filho, eram “os dois primeiros grandes cinemas de Lisboa, dignos desse nome”. Ainda rapazote, António escreve que seu pai...

vivia aconchegado dentro de si e tinha a religião do trabalho que ele cumpria religiosamente das 8 às 7 da tarde, sem um desfalecimento, sem uma hesitação. De vez em quando, sentia-se na obrigação de falar alto com os filhos mas estes sabiam que essas palavras não lhe vinham do coração.²

E, continua:

Não sei se gostava mais da minha mãe. A verdade, porém, é que sempre me senti mais parecido com o meu pai [...]. Amigo e orgulhoso dos filhos, tinha, porém, acima de tudo, o sentimento colectivo de família e da casa onde gostaria que todos vivessem sem se aperceber, sequer, da sua tristeza e falta de conforto. Dentro deste sentimento total da família, cabia a própria loja, o seu activo e o seu passivo. [...] A sua vida era um todo. E era através desse todo que a sua bondade se manifestava, que o seu coração batia ... [...]³

Além das frequentes e já faladas idas ao cinema com o pai, António Ferro costumava acompanhá-lo a comícios republicanos e, também, a uma barbearia situada em frente de sua casa que, segundo palavras suas, “era um verdadeiro centro político republicano”. Aí, conheceu figuras que viriam a revelar-se importantíssimas no seio da primeira República: João de Meneses, Alexandre Braga, Francisco Fernandes Costa, Heliodoro Salgado, Afonso Costa e, entre outros, António José de Almeida, futuro Presidente da República Portuguesa.

Ouvindo-os, ainda mesmo antes de os entender, António Ferro começou a ter a percepção da força da palavra, da palavra falada mas, também da palavra escrita e da palavra publicada; um dia, ainda criança, pediu a António José de Almeida um depoimento para publicação no “República”, jornal da sua escola; foi essa a primeira importante entrevista de António Ferro e, talvez, o primeiro jornal em que colaborou. A essa colaboração em periódicos, muitos mais se seguiram: até 1932, e só para falar desses anos, António Ferro cooperou de diversas formas em mais de quatro dezenas de jornais e revistas dos quais se destaca a sua participação entre 1912 e 1920 em revistas como *A Águia*, *Athena*, *Centauro*, *Contemporânea*, *Eh Reall*, *Exílio*, *Folhas de Arte*, *Ilustração Portuguesa*, *Orpheu*, *Portugal Futurista*, *Renascença*, *República*, *Klaxon*, *Ressurreição*, *Teatro-Jornal d’Arte*, *Teatro*, *The Athenaeum*, *Terra Nova*, *Presença*.

A sua relação com a mãe, Helena Emília Tavares Afonso, natural de Tavira, era bem diferente da que mantinha com o pai. Naturalmente severa, embora carinhosa,

Helena é referida pelo filho como principal responsável pelo ambiente que se vivia em casa, fosse ele bom, ou mau.

Na minha saudade os meus primeiros anos são espectros, fantasmas que passam e cuja forma não consigo perceber. Notas soltas, detalhes que esvoaçam muito alto no meu espírito. Assim, lembro-me muito bem dos meus cabelos que reproduzidos no espelho eram o meu orgulho. Como eu tenho saudades dos meus caracóis... nesta época de calvos de que em breve serei um. Toda a minha infância, toda a minha ingenuidade, toda a minha saúde estavam naqueles caracóis. Hoje que eles me abandonaram, estou quase calvo. Dos meus primeiros anos, só me recordo da minha cabeleira e do meu irmão Manuel 4que morreu.5.

António matriculou-se pela primeira vez num colégio que ficava mesmo em frente de sua casa e onde, segundo palavras suas:

aprendi a anoitecer a alma na leitura das livros e no papel onde escrevo. Era um colégio para ambos os sexos. A directora do colégio era a D. Mariana, uma quarentona com bastantes saudades da sua mocidade. Diziam que tinha umas mãos bonitas, nunca dei por isso. Para mim, as suas mãos foram sempre duas palmatórias, palmatórias que eu nunca experimentei pois era daqueles que são mandados para o colégio com a recomendação de não levarem palmatoadas... Eu aprendi a ler morosamente. Divertia-me mais a alinhar soldados que a alinhar palavras... No colégio não davam nada por mim e insinuavam isso à família que ficava desconsolada,

triste mas que refutava “Pois sim, ele não será inteligente mas sempre veremos ver quem tem os caracóis mais lindos...” Felizes tempos em que eu tinha caracóis para preencher os espaços vazios do meu cérebro⁶.

As meninas do colégio achavam-no efeminado e tímido porque não entendiam que não aproveitasse para retribuir quando o beijavam nos vãos das portas. Furiosas, deitavam-lhe a língua de fora, chegando, mesmo, uma, a esbofeteá-lo por essa razão.

Tinha dez anos quando, intensamente, experimentou a sua primeira grande paixão; ela era amiga da sua irmã e frequentava o mesmo colégio. Na sua opinião, ela era “a mais linda de todas”; escreveu-lhe “uma carta que copiou e recopiou vezes sem fim em letra garrafal e que ela nunca chegou a receber”⁷.

Terminada a primeira etapa do seu percurso académico, Ferro continuou os seus estudos na Escola Francesa e, posteriormente, no Liceu Camões, onde conheceu e conviveu com Sá-Carneiro durante um curto período de tempo já que este abandonou o liceu em 1911, precisamente no mesmo ano da sua entrada. Isso não impediu que ficassem amigos e, nesse mesmo ano, no dia 1 de Outubro, o poeta ofereceu-lhe o poema *A Um Suicida*, dedicado a Tomás Cabreira Júnior, seu amigo e colega, que se havia suicidado com um tiro, nas escadas do Liceu aos 16 anos de idade e, também, *Quadras para a Desconhecida*, dedicadas ao mesmo amigo.

No dia 25 de Novembro de 1912, Sá-Carneiro escreveu-lhe de Paris:

Meu caro amigo

Quando já supunha que você se desfizera em poesia ou em amor, veio-me a sua carta dar de tal um alegre desmentido – se é que seria triste sorte um corpo humano converter-se todo em estrofes geniais ou em beijos apaixonados. (...)

Escreva longamente dando mtas novidades. Bem vê como eu sou pronto em responder. Recebi a sua carta às 9h. da manhã e escrevo-lhe esta às 9 ½!... O liceu como vai? O Bettencourt ainda é professor? Senão diga quem é o seu mestre de latim e português.

Enfim, diga mtas coisas como nesta carta, fale de gente conhecida, de teatros, de novas literárias etc., etc.

Um grande abraço e obrigado
M. de Sá-Carneiro

Nesse mesmo ano, 1912, António Ferro publica com Augusto Cunha⁸ *Missal de Trovas*, livro de quadras que inclui apreciações de Fernando Pessoa, João de Barros, Mário de Sá-Carneiro, Afonso Lopes Vieira e Augusto Gil, entre outros.

Inscrito, desde 1913, na então chamada Faculdade de Estudos Sociais e de Direito dirigida por Afonso Costa, Ferro continua a frequentar o curso de Direito até ao 5.º ano mas a sua paixão pelo jornalismo leva-o a abandonar a Faculdade e a assumir a direcção de *O Jornal*, periódico do partido republicano conservador e da revista *Ilustração Portuguesa*; colabora também, então, em jornais como *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias*, e *O Século*.

Durante os primeiros anos da sua vida de adulto, Ferro convive e corresponde-se com Sá-Carneiro, Augusto Cunha, Azeredo Perdigão, Fernando Pessoa, Alfredo Guisado,

Almada Negreiros, Augusto de Castro, Augusto de Santa-Rita, João de Barros e muitos outros que recebe frequentemente em casa dos pais para discutir livros e ideias até altas horas da noite como referido por Pessoa numa entrada do seu diário de 30 de Março de 1913: “Das 2 e $\frac{1}{4}$ às 4 e $\frac{1}{2}$ em casa do António Ferro a ouvir-lhe três peças. - Leu duas. Depois, para a Baixa com ele” (2006, p.129).

Em 1915, Fernando Pessoa comunica a Ferro, à laia de convite, que o seu papel na publicação da revista *Orpheu* será o de editor. Além das relações de amizade, cumplicidade e partilha literária e artística que o ligavam ao grupo de colaboradores da revista, ele era o único que não tinha ainda atingido a maioria e, segundo Alfredo Guisado, se surgisse qualquer complicação, a sua responsabilidade não teria consequências (1960, p.11)10.

O custo da publicação dos dois números da *Orpheu* foi suportado pelo pai de Sá-Carneiro que, depois do seu casamento no Verão de 1915, partiu para Lourenço Marques, deixando a revista sem patrocinador e o filho em Paris, sem forma de subsistir no estilo de vida a que estava habituado.

No dia 13 de Setembro, Sá-Carneiro escreve a Pessoa anunciando o fim da *Orpheu*. O número 3 não viria a ser publicado: no ano seguinte, Sá-Carneiro põe termo à vida.

No início de 1918, António Ferro residia temporariamente em Penafiel onde fazia a recruta e, em Novembro, partiu para Luanda como oficial miliciano. Depressa, porém, ascendeu a ajudante do Governador-geral, Comandante Filomeno da Câmara, colaborador e amigo de Sidónio.

Admirador de Sidónio Pais, Ferro reconheceu em Filomeno as mesmas qualidades e consolida-se entre ambos uma sólida amizade. Ainda nesse ano, é nomeado para o cargo de Secretário-geral do Governo de Angola. Filomeno da Câmara viria a escrever sobre ele:

Poucos meses durou a aventura, os bastantes, ainda assim, para cimentarem a nossa amizade e para exercerem uma influência decisiva na carreira literária do moço poeta que, até ali, não encontrava saída do labirinto das mesas do café Martinho onde bebia, com um café detestável, uma inspiração ainda mais detestável.

No dia 6 de Novembro de 1920, quando António Ferro proferia uma conferência sobre Colette na *Société Amicale Franco-Portugaise*, em Lisboa, conheceu e, de imediato, encantou-se com a poetisa Fernanda de Castro.

Em 1921, publica *Leviana*, novela em fragmentos e o manifesto *Nós*.

Entre 11 e 18 de Fevereiro de 1922, realiza-se no Teatro Municipal de S. Paulo, a Semana de Arte Moderna que marcou o início do modernismo no Brasil e, no dia 15 de Maio desse ano, inicia-se a publicação mensal de *Klaxon*, o primeiro periódico modernista brasileiro.

Os actores Lucília Simões e Erico Braga partem em *tournee* para o Brasil no dia 7 de Maio de 1922 e, à última hora, convidam o seu amigo António Ferro a acompanhá-los. O convite é imediatamente aceite com entusiasmo e Ferro delega temporariamente a direcção da *Ilustração Portuguesa* a João Ameal, seu amigo de longa data.

No dia 22, Ferro chega ao Rio de Janeiro e é recebido, efusivamente, no Brasil como representante do modernismo português por Menotti del Picchia, Graça Aranha, Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho, entre muitos outros como José Lins do Rego e Carlos Drummond de Andrade que lhe dedicam artigos entusiásticos. A 15 de Julho de 1922, o manifesto *Nós*, de António Ferro, apresentado por Oswald de Andrade na Semana de Arte Moderna, é publicado no n.º 3 da revista *Klaxon*.

No dia 12 de Agosto desse ano, ainda no Brasil, António Ferro casa por procuração com Fernanda de Castro, tendo sido representado em Portugal por Augusto Cunha. As suas testemunhas são Lucília Simões e Gago Coutinho.

Fernanda de Castro, sem qualquer hesitação, partiu no fim desse mês para o Rio de Janeiro, vindo a reunir-se a seu marido.

Numa das tertúlias artístico-literárias organizadas pelo chamado “Grupo dos Cinco”, formado por Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Mário de Andrade, Menotti del Picchia e Oswald de Andrade, criado no âmbito da Semana de Arte Moderna de São Paulo, Fernanda de Castro, aclamada “Rainha da Semana de Arte Moderna”, posa simultaneamente, em ângulos diferentes, para Tarsila do Amaral e para Anita Malfatti.

No dia 12 de Setembro de 1922, António Ferro, Fernanda de Castro e Cacilda Ortigão organizam no Teatro Municipal de S. Paulo um Festival de Arte Portuguesa que conta com a participação dos organizadores, de Guilherme de Almeida e de muitos outros.

Entre 1921 e 1923, Ferro publica em edição brasileira: *Batalha de Flores*; *Leviana. Novela em fragmentos*; *A Arte de Bem Morrer*; *A Idade do Jazz-Band*; e *Colette, Colette/Willy, Colette*.

Mar Alto, peça de teatro escrita por António Ferro, estreia inesperadamente em São Paulo no dia 18 de Novembro de 1922, representada por Lucília Simões, António Ferro e Erico Braga. Vai a cena, posteriormente, no Rio de Janeiro, em Lisboa e em Coimbra. O sucesso alcançado no Brasil não encontrou eco em Lisboa onde foi proibida depois da primeira actuação. Ferro escreveria mais tarde: “Quando escrevi o *Mar Alto*, saibam-no todos, eu previ a tempestade (há lá nada mais belo do que gerar tempestades...)”. (1924, p.13).

No final de 1922, o casal Ferro regressou a Portugal e instalou-se no n.º 6 da Calçada dos Caetanos em Lisboa.

António Ferro iniciou, então, em 1923, a sua carreira de repórter internacional, como enviado especial do *Diário de Notícias*, actividade que desempenhou durante uma década até que, em 1933, aceitou o cargo de director do Secretariado da Propaganda Nacional. Embora a influência modernista estivesse sempre presente nas suas iniciativas fossem elas de cariz artístico, literário, museológico ou editorial, esse período da sua vida é sobejamente conhecido e, essa é outra história.

Termino, por isso, aqui, o meu depoimento. Muito obrigada.

REFERÊNCIAS

AUTORES: “A história do *Orpheu*. Confidências de Alfredo Guisado. In: **Autores**, outono/1960. pp. 10-11.

FERRO, António. *Mar Alto*. 2ª ed. Lisboa: Livraria Portugália, 1924.

_____. **Memórias de António Ferro**. Org. Mafalda Ferro. Inéditos,

PESSOA Fernando. **Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal**. Ed. Richard Zenith. São Paulo: A Girafa, 2006.

Recebido para publicação em 30 nov. 2016.

Aceito para publicação em 5 jan. 2017.

¹ Em “A minha rua”, Memórias de António Ferro, [s.d.]

² Em “A minha família”, Memórias de António Ferro, [s.d.]

³ Em “A minha família”, Memórias de António Ferro, [s.d.]

⁴ A família não tem conhecimento da existência deste irmão de António Ferro.

⁵ Em “Prólogo”, Memórias de António Ferro, [s.d.].

⁶ Em “O Colégio”, Memórias de António Ferro, [s.d.]

⁷ Em “O primeiro amor”, Memórias de António Ferro, [s.d.]

⁸ Augusto Cunha que viria a casar-se com Umbelina Ferro, irmã de António, foi senão o maior, um dos seus maiores amigos.

⁹ António Ferro tinha ainda 19 anos e, nessa altura, atingia-se a maioridade aos 21.

¹⁰ Em “Autores”, Novembro de 1960.